

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

CLÁUDIA WROBEL DALPIAZ

ARTE E EDUCAÇÃO: DIALOGANDO COM HENRI MATISSE

CRICIÚMA

2018

CLÁUDIA WROBEL DALPIAZ

ARTE E EDUCAÇÃO: DIALOGANDO COM HENRI MATISSE

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada. No Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof^a. Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira

**CRICIÚMA
2018**

CLÁUDIA WROBEL DALPIAZ

ARTE E EDUCAÇÃO: DIALOGANDO COM HENRI MATISSE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 19 de novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra em Ciências da Linguagem –
(UNISUL) – Orientadora

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Especialista - (UFRGS)

Prof. Ma. Edina Regina Baumer - Mestre em Educação - UNESC

Dedico esta pesquisa aos meus pais que sempre me incentivaram aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me conceber vir a este mundo e crescer numa família maravilhosa e por ser meu ouvinte nos momentos de desespero e alegria.

Agradeço aos meus pais Hieda Terezinha Dalpiaz e Paulo Cesár Peretto Dalpiaz por toda sua dedicação, ajuda, esforço, pelas palavras de encorajamento e incentivo de não desistir dos momentos mais difíceis. E em especial a minha mãe por me proporcionar o conhecimento com a arte desde nova.

Agradeço ao meu irmão Leonardo Wrobel Dalpiaz, por existir e ser meu parceiro em tudo, e que mesmo há alguns anos longe buscando assim como eu pelos seus objetivos pessoais e profissionais, sempre nos mantemos conectados ajudando um ao outro, pelas nossas conversas longas, dos nossos telefonemas, o nosso apoio um ao outro.

Agradeço ao meu namorado Guilherme Milioli Buzzanello por estar ao meu lado em cada conquista e pelas palavras de incentivo.

Agradeço a minha grande amiga Priscila Schmidt que entrou na minha vida na Educação Básica e se faz presente até hoje, por sua parceria, ajuda, palavras de sabedoria e de força, por reconhecer o meu gosto pela arte e sempre me aplaudir de pé.

Agradeço as minhas amigas e colegas de cursos e da graduação, Natália Ferro Mazzuco, Isabela Barp Brogni, Priscila Borges, Ariane Antony, Izaltina Barbosa, que ao longo desta caminhada se fizeram presente incentivando umas as outras nos momentos difíceis e nos momentos bons, pela parceria, pelas festas, pelos puxões de orelha e pelas trocas de aprendizagem.

Agradeço as minhas várias professoras de cursos de pintura e em especial a professora Patrícia Vargas que sempre acreditou no meu potencial e sempre me apoiou com a graduação de Artes Visuais. Agradeço aos meus professores (as) da graduação pelo conhecimento passado e em especial a minha orientadora Katiuscia Micaela de Oliveira que esteve sempre pronta a sanar minhas dúvidas, e com seus conselhos para que eu prosseguisse com a pesquisa.

“O diálogo com o passado torna-o presente.”

Alfredo Bosi

RESUMO

A pesquisa se insere na linha de Educação e Arte, do curso de Artes Visuais Licenciatura, Unesc. O problema de pesquisa é: Quais as práticas pedagógicas os professores de Artes utilizam e de que forma apresentam as Vanguardas Europeias nas escolas? De que maneiras os professores alternam as diferentes linguagens da arte, para ensinar as Vanguardas Europeias? Como os professores podem diferenciar o que é arte moderna, do que é arte clássica? Como os professores fazem para motivar os alunos a produzir arte moderna, se desligando da arte clássica? De que forma os professores podem utilizar as tecnologias para auxiliar no conhecimento sobre Vanguardas Europeias? Tem como objetivo investigar como é trabalhado e de que forma, a Arte Moderna na sala de aula mais específica as Vanguardas Europeias. A pesquisa de campo ocorreu através de uma conversa informal com três professoras de Arte, as falas aparecem no decorrer da pesquisa. Relato teoricamente sobre a formação e a atuação do professor de Arte, a experiência de vida/humana do mesmo, o ensino da arte, suas metodologias e uma breve introdução da história da arte e das Vanguardas Europeias. Trago como teóricos Hernández e Oliveira (2005), Coutinho (2008), Larossa (2017), Ferraz e Fusari (2009), Stangos (2006) e entre outros. Com minha pesquisa busco compreender como os professores utilizam as Vanguardas Europeias nas suas aulas de arte e que relação fazem com a atualidade, a partir disso refletir sobre a minha prática pedagógica como futura professora de Arte que deve estar continuamente em busca de formação continuada.

Palavras-chave: Vanguardas Europeias. Arte. Educação. Metodologias. Experiência.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Natureza-morta em Fundo de Palhinha, Pablo Picasso. (1911-12)	18
Imagem 2: Ambroise Vollard, Pablo Picasso. (1909-10)	19
Imagem 3: Formas únicas da continuidade no espaço, Umberto Boccioni. (1913)...	20
Imagem 4: O Dinamismo de um Ciclista, Umberto Boccioni. (1913).....	21
Imagem 5: Nu Descendo uma Escada, Marcel Duchamp. (1912).....	22
Imagem 6: A fonte, Marcel Duchamp. (1912).....	23
Imagem 7: A dança da vida, Edvard Munch. (1899)	24
Imagem 8: O Grito, Edvard Munch. (1893).....	24
Imagem 9: A dança, Henri Matisse. (1909)	25
Imagem 10: A Alegria de Viver, Henri Matisse. (1905-6)	26
Imagem 11: Barcos em Collioure, André Derain. (1905).....	27
Imagem 12: O Circo, Maurice de Vlaminck. (1906).....	27
Imagem 13: O Velho Rei, Georges Rouault. (1937).....	28
Imagem 14: Harmonia em Vermelho, Henri Matisse. (1908-9)	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
SATC	Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
PROESDE	Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 AS VANGUARDAS EUROPEIAS.....	17
3 CAMINHOS A PERCORRER	33
4 PROJETO DE CURSO	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE.....	47
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.....	48

1 INTRODUÇÃO

A arte começou a fazer parte da minha vida desde pequena. Minha mãe sempre me incentivou a fazer algo relacionado a essa área, aos cinco anos iniciei aula de ballet, mas como era muito tímida e também não enxerga direito, pois, nasci com problema de visão, porém ninguém sabia e muito menos eu, naquela época... primeiro filho... enfim as aulas não duraram muito e então aos sete anos ao consultar o oftalmologista e descobrir o problema, meus pais tinham a certeza de que não era só a timidez. Comecei a fazer cursos de pintura em tela e foi nesse período que tudo floresceu, aos poucos fui libertando todas as minhas curiosidades, desejos, anseios e não parou por aí, continuei com a pintura em tecido, caixas de madeira, metal e tecido. Minha mãe achou até por certo tempo que não estava fazendo porque queria e sim por ela, mas está enganada, foi ela que me proporcionou esse aprendizado e me abriu os olhos para ver a vida mais colorida.

Inclusive continuei com as pinturas em tela e tecido e também passei a costurar, na costura me vejo a criar novamente, inventar coisas ao meu gosto, de criar ou recriar, gosto de fazer relações e poder refletir com minhas escolhas seja com a prática ou com os enfrentamentos da vida.

Surpreendentemente na educação básica, as Vanguardas Europeias sempre me chamaram a atenção onde víamos muitas imagens que me deixavam fascinada, promovia o despertar da imaginação, me fazia ir além do que eu estava visualizando e me despertava um olhar curioso para as imagens, com elementos visuais diferente das obras clássicas. As obras da arte moderna possuíam semelhança com minhas vivências e experiências. Promovendo-me um questionamento, por que os movimentos vanguardistas me instigavam? Passado algum tempo das minhas aulas de arte no Ensino Fundamental e Médio onde estudando várias linguagens, e ao entrar na faculdade essas questões ainda me motivavam a trazer o valor desses movimentos vanguardistas e com isso me surgiu uma pergunta, do por que esses movimentos eram tão importantes para mim, qual é o sentido deles na minha pesquisa.

Sem dúvida às professoras que me deram aulas, foram sempre muito criativas, as aulas tinham um propósito, uma inspiração; havia exposições, apresentação de teatro, música, dança, dentre inúmeras coisas, foram elas com

criatividade e desempenho, que me fizeram escolher que eu queria estudar sobre arte, no ensino superior.

O ensino de arte no contexto de uma exposição possibilita o saber e o atuar: ao mesmo tempo em que se conhece o significado estético e artístico de uma obra bem como sua importância na sociedade, vive-se uma participação ativa com sua fruição. Quando se trata das crianças e jovens, esta dimensão estética e cultural auxilia também outros aspectos relativos ao desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais, como as perceptivas, sensíveis, afetivas e críticas que deve marcar significativamente sua vida. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 76)

Há marcas que nos acompanham durante a vida, e essas aulas de Arte com certeza ficaram marcadas, fazendo sentido e relações com meu cotidiano, minhas vivências e experiências até aqui.

Portanto em primeiro lugar levo comigo uma expressão popular, “mão na massa” que significa colocar algo em prática, porque é como eu me identifico, se for pra fazer que seja bem feito, e isso ficou mais evidente ao ter que decidir que graduação seguir. Entretanto em casa sofria influências na área da educação e na área ambiental, mas tinha a certeza de que era arte que queria para minha vida, por outro lado sentia algo, como agradar sem magoar.

Diante disso, morando em Torres/RS, ao prestar dois vestibulares na área ambiental e ser aprovada nos dois, um deles era em Santa Rosa pertinho de casa e o outro em Criciúma. Passei a morar em Criciúma, sem conhecer a cidade, a universidade Unesc, nem ninguém, ‘sozinha’, dividindo quarto; iniciei a graduação de Ciências Biológicas e foram momentos muito difíceis, pois muito tímida tive que enfrentar meus medos e superá-los. Enfim, cursei o curso de ciências biológicas só até o segundo semestre, pois percebi que apesar de ser fascinada por insetos, não bastava ter interesse apenas nisso para ser uma bióloga. Então pensei, agora irei iniciar Artes, como se não bastasse meu irmão também estava com dúvidas para qual curso prestar vestibular e então resolvemos passar na faculdade Satc juntos, para obtermos informações sobre os cursos de graduação e os cursos técnicos. Inesperadamente fui pega lendo sobre o curso de comunicação visual (design gráfico), e mesmo sabendo que não era tão boa em computadores resolvi começar o curso, pois o mesmo tinha relação com a arte, contudo não digo que foi a pior coisa, pois conheci muitas pessoas boas e que tenho amizade até hoje e também tive muitas lições, mas atrasei alguns anos da minha certeza.

Em 2014, segundo semestre me direcionei até a Unesc conversei com o professor Marcelo, visitei os ateliês e finalmente entrei na graduação de Artes Visuais – Licenciatura, durante os semestres me fazia uma pergunta constantemente, será que eu quero ser professora? Na universidade percebi que eu era uma das poucas colegas que havia usufruído das aulas de Artes na escola, a maioria tinha péssimas recordações. Desde o início das conversas, dos debates, das dinâmicas, fui percebendo como era forte a ideia dos colegas de não serem “aqueles” professores que só passavam cópia e releitura. O fato de não ser esse tipo de professor, foi sendo discutido ao longo da graduação, nós mesmos íamos conversando com o que víamos nos estágios, nas aulas das escolas, no intervalo dos professores e a cada dia íamos construindo ideias e pensamentos, sobre o motivo que alguns acabam se acomodando. Chegamos a muitas conclusões, às vezes até nos revoltávamos com as palavras contra, pois a nossa vontade de sermos educadores de artes fazia-nos pensar: ainda não chegamos lá. No decorrer tive a oportunidade de participar dos programas Pibid¹ e Proesde², onde me instiguei professora; os questionamentos continuavam: como lidar com os alunos? Como propor uma aula significativa? A partir dos encontros semanais, aos sábados e o contato com os alunos nas escolas, todas essas experiências me instigaram cada vez mais a ser professora de Artes e continuar minha formação, me aperfeiçoar, buscar o novo, e me desafiar a cada dia.

Paralelamente começaram os estágios obrigatórios e a ansiedade surgiu mais ainda, estágio com a Educação Infantil, me realizei, sempre gostei de crianças e poder passar meu conhecimento a elas era magnífico. Logo mais o estágio com o Ensino Médio, o desafio cresceu e nas observações pude presenciar a maneira como foram passadas as vanguardas europeias para os alunos, onde eles tinham que ir atrás do conhecimento, apresentar um cartaz e responder questões na hora da apresentação, senti que eles fizeram aquilo apenas pela nota, faltou uma contextualização sobre arte moderna e talvez se tivessem que produzir uma produção artística, seria mais significativo para eles.

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) propõe-se à inserção dos acadêmicos de formação inicial, em conjunto das escolas públicas. Maiores informações: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid> Acesso em: 04/09/18 às 9h

² Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional (PROESDE Licenciatura) curso de extensão para todos os cursos de licenciatura. Com base na Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC). Acesso em: 04/09/18 às 9h15min

Em minha atuação contextualizei sobre o cinema e a fotografia, trazendo Henri-Cartier Bresson (1908-2004), utilizamos o celular para iniciar a produção de um vídeo e no final, compartilharam com os colegas suas experiências e vivências da trajetória até o momento.

Toda vez que a minha preocupação era com os alunos e seus interesses de como eles se sentiam nas aulas de Artes, pensava maneiras de tornar as aulas criativas nos estágios em que estava fazendo, pois era um momento de eu propor algo significativo e proveitoso para eles. Surpreendentemente à medida que ia propondo as atividades, percebia no olhar dos alunos que o interesse pelas aulas aumentava e instigava a manifestação dos mesmos, apresentando interesse pela busca de materiais, para desenvolverem de maneira criativa as atividades propostas.

[...] a arte deve ser entendida como uma área do conhecimento humano, com uma linguagem própria, com objetivos claros, com domínio dos saberes pedagógicos e com domínio dos saberes disciplinares. Isso significa conteúdos que se sustentam, que tenham vida própria, contextualizados. [...] Ela precisa existir articulando saberes que tenham significado para a vida do nosso aluno e isso precisa estar claro nos nossos planejamentos escolares. Somente a intenção não basta, a ação precisa ser visível e acontecer realmente como prática pedagógica. (OLIVEIRA, 2005, p. 67)

A busca por um melhor entendimento do ter e não ter interesse pelas aulas de arte me motivou a pesquisar diretamente com as professoras que atuam em sala de aula, para obter maiores informações. Por intermédio de uma conversa informal com algumas professoras da cidade de Torres/RS e Criciúma/SC sobre suas propostas pedagógicas, qual seu modo de ensino, no que se propõem a trabalhar e no que estão dispostas a investir o seu tempo. Sobretudo as Vanguardas Europeias, no meu tempo de escola, exatamente este conteúdo e da maneira como foi estudado e vem fazendo parte até hoje, foram essas aulas que me interessavam que me ajudaram a ser mais expressiva e que tiveram significado, após concluído trabalhos, exposições e apresentações de teatro.

A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos

de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo. (BRASIL, 2017, p. 191)

Diante disso, meu problema de pesquisa é: **Quais as práticas pedagógicas os professores de Artes utilizam e de que forma apresentam as Vanguardas Europeias nas escolas?** Para tanto trago como questões norteadoras as seguintes perguntas: De que maneiras os professores alternam as diferentes linguagens da arte, para ensinar as Vanguardas Europeias? Como os professores podem diferenciar o que é arte moderna, do que é arte clássica? Como os professores fazem para motivar os alunos a produzir arte moderna, a distinguindo da arte clássica? De que forma os professores podem utilizar as tecnologias para auxiliar no conhecimento sobre Vanguardas Europeias?

A partir dessas questões a pesquisa se insere na linha de Educação e Arte, do curso de Artes Visuais Licenciatura, Unesc. Trago como objetivo geral: Investigar através de um diálogo semiestruturado com as professoras de Artes, como é trabalhado e de que forma, a Arte Moderna na sala de aula mais especificamente as Vanguardas Europeias. E os objetivos específicos: Esquematizar as Vanguardas Europeias; Dialogar de maneira aberta, com as professoras de Artes sobre qual a prática pedagógica que elas utilizam para apresentar os movimentos vanguardistas em sala de aula; Observar através do diálogo dos professores, qual o peso no sentido de promover uma arte diferenciada ao aluno e os reflexos que ficam no professor, a partir da produção dos alunos.

De acordo com a natureza é uma pesquisa básica, de caráter qualitativo, que irá fornecer informações fundamentais para o seu aprofundamento. Quanto aos seus procedimentos técnicos é uma pesquisa bibliográfica e exploratória, pois, realizei conversas com algumas professoras e analisei livros e artigos sobre formação de professores de Arte e os Movimentos Vanguardistas.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2012, p. 45)

A pesquisa também será de campo, pois, para alcançar meus objetivos realizei um diálogo semiestruturado com três professores de Arte, duas são do estado do Rio Grande do Sul/RS e uma do estado de Santa Catarina/SC, a conversa se dá pessoalmente e também via rede social. A conversa ocorreu de maneira mais aberta, as professoras ficaram livres para falar sobre arte moderna e as aulas de arte e esse assunto ele está implantado dentro dos meus questionamentos, porém nem sempre obtive resposta para minhas questões. As professoras relataram suas trajetórias, suas experiências e vivências.

No primeiro capítulo As Vanguardas Europeias, escrevo um breve parágrafo da história da arte e o conceito de cada vanguarda europeia, dentre elas o Expressionismo, o Cubismo, o Surrealismo, o Dadaísmo e o Fauvismo, neste último me aprofundarei e trarei a obra *Harmonia em Vermelho*, do artista Henri Matisse. Trago como autores Amy Dempsey (2010), Norbet Lynton (2006), Herschel B. Chipp (1999), Nikos Stangos (2006), H. W. Janson (2001).

No segundo capítulo Caminhos a percorrer, falo sobre a formação do professor de Arte, a experiência de vida/humana do mesmo, o ensino da arte e as suas metodologias e trago trechos das conversas com os professores; trago como autores Marilda de Oliveira (2005), Rejane G. Coutinho (2008), Jorge Larrosa Bondía (2002), Maria Heloísa Ferraz e Maria Rezende e Fusari (2002).

Proponho-me a falar sobre as vanguardas europeias, trazendo a mesma como exemplo, de como é importante fazer relações do conteúdo de artes com outras áreas do conhecimento e principalmente com as nossas vivências em sala de aula e fora dela, pois, as vanguardas em si, trazem questões que continuam surgindo na sociedade.

Em síntese a pesquisa irá me ajudar a compreender que as aulas de arte se tiverem como objetivo uma reflexão, uma relação com o passado e presente o conteúdo de arte terá um maior significado e auxiliará para a formação do sujeito e uma melhor compreensão do saber, para agir em sociedade.

2 AS VANGUARDAS EUROPEIAS

Dentre os inúmeros motivos que me levaram a escolha do tema, não irei me aprofundar no contexto geral da Arte Moderna irei falar especificamente dos principais movimentos que surgiram dentro das Vanguardas Europeias (Cubismo, Futurismo, Dadaísmo, Expressionismo e Fauvismo), pois os outros não são relevantes para minha pesquisa, devido a isso irei me aprofundar apenas no movimento Fauvismo. Porém no decorrer do texto toda vez que eu falar Vanguardas Europeias, estarei falando do fragmento Arte Moderna.

O conceito de Arte é geral, alguns teóricos falam que tudo pode ser arte, pois a mesma se divide em várias linguagens, por exemplo, dança, música, teatro, performance e entre outros. A cada época a arte evolui e surgem novos movimentos artísticos, como na Arte Moderna onde temos as Vanguardas Europeias que foram as que ficaram mais visíveis mundialmente e deram um potencial para os movimentos, se disseminando para o resto da Europa e conseqüentemente para todo o ocidente, (Expressionismo, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo e Fauvismo). Segundo DE MICHELI, (2004, p. 1) “As vanguardas europeias surgiram no século XX.” Era uma época onde se destacavam muitos avanços tecnológicos e entre outras coisas; o artista precisou demonstrar através da arte, novos caminhos, novas expressões, novos valores, bem como a originalidade da obra de arte e a liberdade de criação e expressão intrínseca do fazer e refletir sobre ações sociais no processo criativo que envolvia diretamente os ideais da guerra. Com o propósito de despertar outras maneiras de apreciar e refletir sobre a vida, os artistas não se limitavam a ironizar para ‘chocar’ o público.

Segundo o Dicionário Priberam (2013), o termo Vanguarda é um substantivo feminino, do francês "avant-garde", que significa guarda avançada. Na arte foi usado para representar os movimentos artísticos que romperam com os modelos clássicos.

Dando continuidade à pesquisa início com o conceito de cada movimento e a seguir me aprofundarei no movimento Fauvismo, trazendo a obra Harmonia em Vermelho, do artista Henri Matisse.

O **Cubismo** foi o mais famoso dos movimentos de vanguarda no século XX. Para os artistas o cubismo era um tipo de realismo, que transmitia o “real” com maior convicção e inteligência. Segundo Amy Dempsey (2010, p. 83-84) “além de

rejeitar a perspectiva limitada a um único ponto de vista, eles abandonaram as qualidades decorativas dos artistas de vanguarda”.

Para Picasso, o desafio do cubismo consistia em representar três dimensões na superfície bidimensional da tela. Braque, por outro lado queria explorar a pintura do volume e da massa no espaço. Nesse período os dois artistas evitavam em geral temas e cores que transmitiam emoções, optando por uma paleta monocromática e temas neutros, tais como naturezas-mortas. (JANSON, 2001)

O cubismo se dividiu em duas fases, o Cubismo Sintético e o Analítico; no sintético as obras possuíam diversos tipos de materiais, além da tinta; esses materiais eram recortados e colados tão bem que pareciam fazer parte da pintura e da imagem em si. (JANSON, 2001)

Imagem 1: Natureza-morta em Fundo de Palhinha, Pablo Picasso. (1911-12)



Fonte: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/9376>

Imagem 2: Ambroise Vollard, Pablo Picasso. (1909-10)



Fonte: <https://coopemmuseupicasso.wordpress.com/2016/11/17/retrato-de-ambroise-vollard-1910/>

No analítico, as obras de Pablo Picasso não representavam a realidade, seus quadros eram de natureza morta ou pessoas em formatos diferenciados, possuíam rostos pequenos e o mínimo de textura.

[...] o cubismo facetado conserva uma certa profundidade, a superfície pintada atua com uma janela através da qual ainda vislumbramos algumas sobrevivências da concepção renascentista de perspectiva. [...] No cubismo de colagens, pelo contrário, o espaço pictórico está na frente do plano do “tabuleiro”, não é criado por nenhum artifício ilusionista, como modelado ou escorço, mas pela própria sobreposição de camadas de materiais colocados. (JANSON, 2001, p. 955-956)

Após essa fase Picasso passou a fazer desenhos mais realistas, esteve no auge com dois estilos diferentes, mas conseguiu diferenciá-los.

Segundo Norbet Lynton (2000, p. 71) “o **futurismo** foi o movimento mais radical, rejeitando ruidosamente todas as tradições e os valores e instituições consagrados pelo tempo”.

Imagem 3: Formas únicas da continuidade no espaço, Umberto Boccioni. (1913)



Fonte: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/cubismo/futurismo/boccioni/index.html>

Com o avanço da tecnologia, a sociedade num crescente desenvolvimento da expressão, exigia-se a energia, a potência da arte em diversas formas. De acordo com Lynton (2000, p. 74) “pinturas futuristas testaram e provaram a possibilidade de usar a arte como meio de captar aspectos, tanto não-visuais quanto visuais, de um meio ambiente reconhecido como dinâmico e não como estático”.

Imagem 4: O Dinamismo de um Ciclista, Umberto Boccioni. (1913)



Fonte: <https://www.wikiart.org/es/umberto-boccioni/dinamismo-de-un-ciclista-1913>

Os futuristas ainda eram dominados por imagens figurativas, porém Umberto Boccioni ao adotar o cubismo analítico na obra *O Dinamismo de um Ciclista* (1913), conseguiu demonstrar tempo e espaço de uma forma mais expressiva, uma obra ativa, mas sem movimento.

No ano de 1916 surgiu o Cabaré Voltaire, um bar de entretenimento, artistas e poetas eram convidados a expor seus quadros, recitar poemas, dançar e etc. Com o tempo eles acharam que era necessário criar um nome para o novo movimento, e ao folhearem um dicionário alemão-francês, o nome Dadá (**Dadaísmo**) foi criado inesperadamente. De acordo com Janson (2001, p. 969), “[...] o seu objetivo declarado foi o de tornar claro, ao público em geral, que todos os valores estabelecidos, morais ou estéticos, tinham perdido todo o sentido depois da catástrofe da Grande Guerra”. O Dadaísmo desenvolveu conceitos e ideias em várias cidades, diversos artistas se juntavam para expressar sua revolta pelo confronto durante e após a Primeira Guerra Mundial.

Os dadaístas tinham a certeza de que se destruíssem a lógica das coisas, haveria uma esperança na sociedade, no momento em que as pessoas ficassem chocadas e perplexas se libertariam da razão e da materialidade. Devido a ideia de que qualquer um poderia produzir uma obra de arte com objetos do cotidiano, esses objetos não possuíam um determinado uso, tudo dependia da escolha.

Imagem 5: Nu Descendo uma Escada, Marcel Duchamp. (1912)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/marcel-duchamp/nu-descendo-uma-escada-no-2-1912>

Segundo Dempsey (2010, p. 118) “Marcel Duchamp designou os objetos manufaturados que apresentava como *readymades*³ artísticos. Afirmava que sua seleção jamais era ditada pelo gosto, mas baseada numa reação de indiferença visual”. Os pontos principais de suas obras eram liberdade e audácia, no momento em que começou a transformar objetos do cotidiano em arte ele radicalizou mostrando que poderia ser feito de qualquer coisa e com isso muitos questionamentos surgiram e a trajetória da arte passou a ser vista com outros olhares.

³ O termo foi criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais objetos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços como museus e galerias.

Imagem 6: A fonte, Marcel Duchamp. (1912)



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/fonte-marcel-duchamp/>

A ousadia de suas obras era algo totalmente corajoso para a época, foi um dos que mais explorou as ideias. O seu objetivo era desacomodar o expectador, ao ver um objeto exposto como arte, no sentido de não saber decifrar como uma obra boa ou ruim.

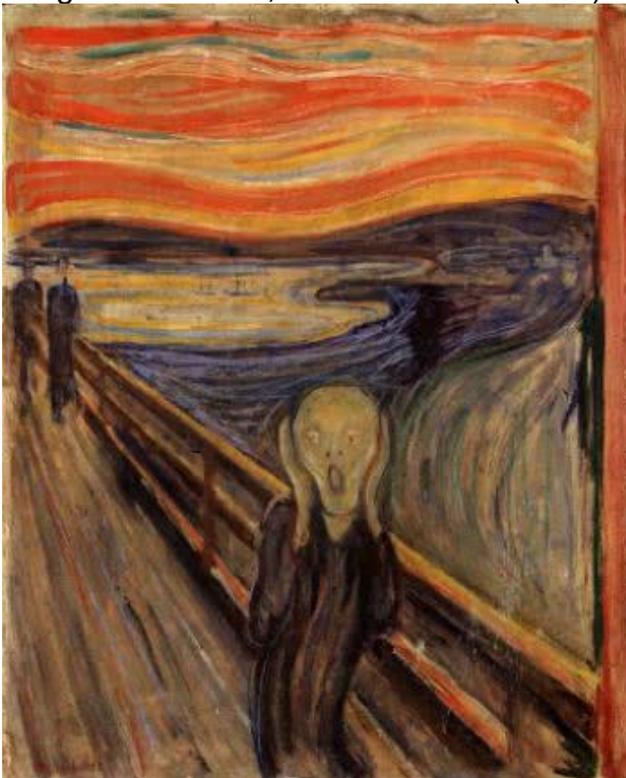
O **expressionismo** floresceu de forma especialmente abundante na Alemanha moderna. Os artistas do expressionismo expressavam em suas obras a negatividade que sentiam em relação ao mundo, fugindo da coerência de cores e das regras de composição.

Imagem 7: A dança da vida, Edvard Munch. (1899)



Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/6WHKBV-Edvard-Munch-o-dan%C3%A7a-da-vida>

Imagem 8: O Grito, Edvard Munch. (1893)



Fonte: <https://www.culturagenial.com/quadro-o-grito-de-edvard-munch/>

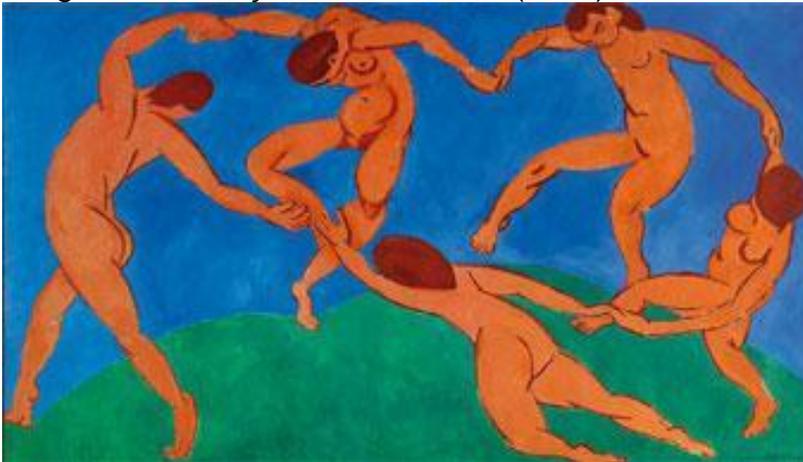
Na obra *O Grito* (1893), do artista Edvard Munch, a figura mostra-se a contorcer-se diante de suas emoções, as linhas do céu e da água envolvem o olhar do espectador direto para a boca da figura que aparenta estar gritando apavorada.

[...] os expressionistas são deformadores sistemáticos da realidade, pois desejam expressar com a maior veemência possível seu pessimismo em relação ao mundo. Assim, realizam uma pintura que foge às regras tradicionais de equilíbrio da composição, da regularidade da forma e da harmonia das cores. Por isso é considerada por alguns como uma pintura feia. Contribui para essa visão negativa a amargura com que às vezes o homem e a natureza são retratados. (PROENÇA, 2014, p. 153)

No movimento expressionista as obras dos artistas eram definidas como fora do comum, pois eles retratavam a negatividade que sentiam no mundo.

O movimento **Fauvismo** de certa forma é o que mais me chama a atenção e o qual escolhi para me aprofundar na minha pesquisa, é o que mais se aproxima ao meu ponto de vista da liberdade de criação, pois os artistas não se importavam com o que estavam fazendo, não queriam transmitir nada apenas produziam, da mesma forma que as crianças, que deixam a imaginação fluir, na sua espontaneidade, de ver a beleza em tudo.

Imagem 9: A dança, Henri Matisse. (1909)



Fonte: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/04/05/921917/conheca-danca-henri-matisse.html>

A obra *A Dança* (1909), foi criada quando o artista viu pescadores em uma roda de dança, nos contornos do corpo e dos pés das figuras podemos perceber o movimento que faziam ao dançar, as cores se definem em apenas três, (azul, verde e laranja).

Conforme demonstra o estudo de Sarah Whitfield (2006, p.11) “no breve período de 1904 a 1907, Henri Matisse, André Derain e Maurice de Vlaminck e um pequeno grupo de companheiros de estudo desenvolveram um estilo de pintura que lhes valeu o apelido de *Les Fauves* (As Feras)”.

Durante a exposição no Salão de Outono, os artistas foram chamados de 'Les Fauves' (As Feras) devido ao uso da cor pura, a tinta era retirada do tubo direto para o quadro e por suas pinceladas que eram consideradas violentas, de forte expressão.

Imagem 10: A Alegria de Viver, Henri Matisse. (1905-6)



Fonte: <http://www.campanicultural.com.br/2011/09/o-homem-e-natureza-em-alegria-de-viver.html>

Na obra *Alegria de Viver* (1905-6), do artista Henri Matisse, as pessoas estão bem colocadas junto à natureza, possuem traços grossos e a maioria das figuras é aparentemente clássica, nuas do mesmo modo como vieram ao mundo. De acordo com Janson,

O que torna o quadro tão revolucionário é a sua simplicidade radical, e o seu "gênio de omissão": tudo o que podia ser omitido foi deixado de fora ou só referido implicitamente, e, no entanto, a cena contém o essencial da forma plástica e da profundidade espacial. (2001, p. 940)

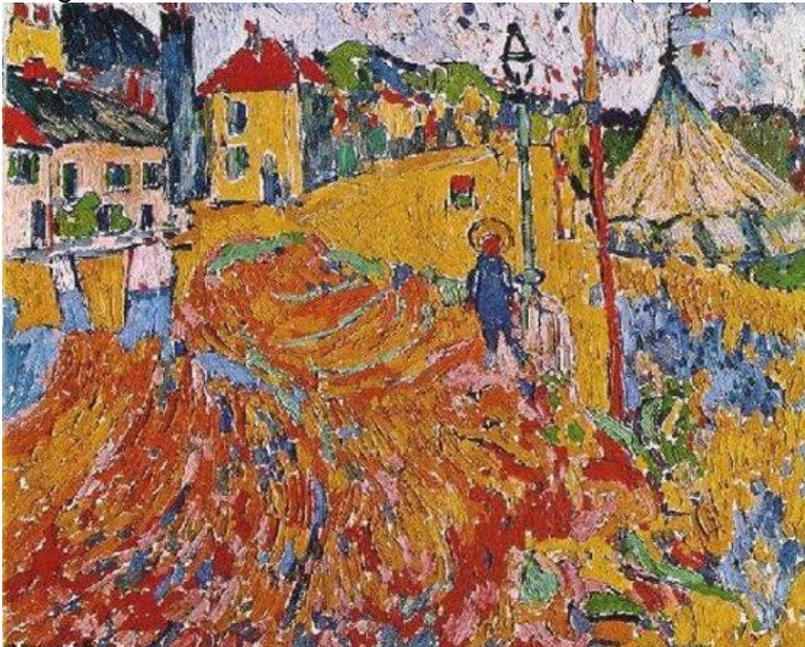
Imagem 11: Barcos em Collioure, André Derain. (1905)



Fonte: <http://www.theartscouncil.org/artwork/boats-at-collioure/>

Na obra *Barcos em Collioure* (1905), do artista André Derain, ele utilizou o método do pontilhismo para dividir as cores, as formas são simples e possui uma simples perspectiva.

Imagem 12: O Circo, Maurice de Vlaminck. (1906)



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-circo-maurice-de-vlaminck/>

Na obra *O Circo* (1906), do artista Maurice de Vlaminck, as casas e a tenda do circo possuem formas básicas, porém tem uma perspectiva distorcida que traduz uma cena bem expressiva.

O artista Gustave Moreau, foi de grande influência e professor de Matisse no ateliê, suas obras eram de cores mais puras, retiradas do tubo de tinta diretamente na tela, não havia mistura de cores. Matisse e Georges Rouault possuíam métodos comuns de contornos nas pinturas e utilizavam cores fortes e vibrantes. (STANGOS, 2006)

Imagem 13: O Velho Rei, Georges Rouault. (1937)



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/georges-rouault/the-old-king-1936>

As obras de Georges Rouault eram referentes a esperança que ele tinha na fé católica, a obra *O Velho Rei* (1937), possui cores vibrantes e tons escuros, referente aos vitrais góticos, que desde jovem ele pintava.

O Fauvismo englobava vários estilos individuais, foi o avanço da modernidade, onde o uso das cores era quase monótono, os Fauves acrescentaram vida, sutileza e força ao mesmo tempo com cores puras, figuras bem contornadas, linhas, traços, espaços escuros que representavam expressão. (STANGOS, 2006) Alguns anos se passaram, depois de muitas aulas e ensinamentos e Matisse publicou uma definição dos objetivos de suas obras:

O que eu busco, acima de tudo, é expressão... A expressão, no meu modo de pensar, não consiste na paixão espelhada num rosto humano ou denunciada por um gesto violento. Toda a disposição de minha pintura é expressiva. O lugar ocupado por figuras ou objetos, o espaço vazio em torno deles, as proporções, tudo desempenha um papel. A composição é a arte de dispor, de maneira decorativa, os vários elementos à disposição do pintor para a expressão de seus sentimentos. Num quadro, todas as partes serão visíveis e desempenharão o papel que lhes é atribuído, seja ele principal ou secundário. Tudo o que não é útil no quadro é prejudicial. Uma obra de arte deve ser harmoniosa em sua totalidade; pois os detalhes supérfluos, na mente do espectador, usurpam os elementos essenciais. (WHITFIELD, 2006, p.20)

Em outras palavras devemos encarar o fauvismo como uma fase transitória, pois, foi uma fase de experimentações, dando início ao estilo 'selvagem', as obras eram consideradas violentas devido às pinceladas e a sua cor forte. Os artistas representaram suas obras com cores puras e vibrantes, transmitindo ao espectador força e expressão, as de Matisse em especial tinham características de equilíbrio.

Intelectualidade e sensualidade, inspiração e capacidade artística, cor e forma, decoração e expressão, tradição e contemporaneidade [...] a arte de Matisse fala tanto aos leigos em arte como aos conhecedores. Confere uma forma pura, espiritual, à beleza gratuita das coisas. (RUHRBERG, 2012, p. 43)

As imagens anteriores no decorrer do texto foram para exemplificar os parágrafos, daqui para frente me aprofundarei na obra *Harmonia em Vermelho* (1908-9), do artista Henri Matisse, a qual escolhi devido a comparação que faço com os desenhos da educação infantil e com as diferentes áreas do conhecimento.

Os desenhos que os alunos da Educação Infantil produzem com formas simples, rabiscos, formas em cores puras, livres do certo ou do errado da realidade, é o momento em que eles estão experimentando e colocando no papel suas vivências. E neste momento nós professores devemos partilhar dessa imaginação, para no futuro esses alunos serem desprendidos dos seus pensamentos, para a sua criatividade aflorar e para serem adultos curiosos.

Discutimos frequentemente na graduação em artes, o conceito do que é belo e do que é feio, embora isso ainda é interferido por alguns professores, nas produções dos seus alunos.

Já tive o desprazer de presenciar na escola onde trabalho com oficinas de artes, professores da turma influenciando o trabalho das crianças, afirmando estar feio ou mesmo horrível, tornando essa situação bem delicada, pois a criança ao desenhar está se expressando e ao momento em que ‘podamos’, prejudicamos o desenvolvimento do mesmo. Segundo Ferraz e Maria Fusari (2009, p.173), “as crianças se expressam e ao mesmo tempo desenvolvem suas potencialidades estéticas observando e contatando o mundo ao seu redor, experimentando ludicamente as formas e diversos materiais artísticos”. É nessa fase que a imaginação está começando a florescer e se deixarmos livres estaremos partilhando e vivenciando juntos dessa criação e do mundo imaginário.

Na época os artistas iam contra todos os padrões existentes e queriam combater a burguesia, com isso produziam obras, esculturas feias. Por exemplo: consideramos algo ou alguém feio, talvez por considerar como nosso inimigo, mas não quer dizer que ele realmente é feio. Já o belo (verdadeiro) é muito relativo.

Hoje em dia esses dois conceitos estão misturados, por exemplo: gosto do cabelo natural da atriz e cantora Jennifer Lopez, mas também gosto dos cabelos coloridos da cantora Katy Perry, então resolvo pintar o cabelo de roxo, há pessoas que acharam feio, e isso sempre vai depender do gosto de cada pessoa, o que é feio ou bonito para alguns não será para outros. E é por isso que devemos respeitar o gosto particular e não querer interferir nisso, começando pela infância; podemos compartilhar nossa opinião, mas jamais intervir na mudança.

Durante a pesquisa por diversos sites e livros em busca da imagem da obra *Harmonia em Vermelho*, percebi que a imagem digital modifica a real cor de uma obra de arte, se visitássemos a obra no museu de l’Hermitage, Lenigrado, poderíamos ter a visão da cor vermelho puro.

Igualmente ousada – mas perfeitamente inteligível – é a cena do jardim, com as árvores em flor, vista através da janela. [...] Do mesmo modo, o azul no céu, os verdes da folhagem e as pintas amarelo-vivo das flores repetem-se no primeiro plano. Aqui, encontramos mais uma vez o “gênio da omissão” de Matisse: reduzindo ao mínimo as tonalidades, faz com que a cor se transforme em um elemento estrutural independente. Ela é tão importante que *Harmonia em Vermelho* perde muito do seu significado numa reprodução em preto-e-branco. (JANSON, 2001, p. 942)

Imagem 14: Harmonia em Vermelho, Henri Matisse. (1908-9)



Fonte: <https://arteref.com/arte/os-7-principais-artistas-que-fizeram-parte-do-fauvismo-para-voce-conhecer/>

A escolha dessa obra foi exatamente por ser uma obra que chama atenção, por não possuir cores neutras e nem apagadas. Devido a sua cor pura e por não ter uma perspectiva, da mesma forma como as crianças desenhavam e pintavam, se expressavam sem se preocupar com combinações, nem mesmo com espaço ou desenhos bem colocados sobre o papel, muito menos com o “certo” da realidade. O desenho que pode não ser identificado por nós adultos, é representado por algo que a criança vivenciou e na produção delas faz sentido, seja em desenho, escultura (argila), recortes e montagens. De acordo com os estudos de H.W.Janson,

Encontrara um novo e radical equilíbrio entre os aspectos “bidimensionais” e “tridimensionais” da pintura, os ornamentos são parte importante desta obra, onde, apesar de o padrão azul sobre fundo vermelho ser o mesmo da toalha e da parede, os planos horizontal e vertical estão diferenciados com inteira segurança. (2001, p. 942)

Ao apenas observar esta obra, ficava na dúvida se era uma janela ou um quadro, por não ter uma perspectiva e a proporção de tamanho também confundia. A mesma cor da parede, na mesa me lembra muito quando as crianças pintam ‘fora’ da linha, mas há apenas uma linha muito fina e quase mal dá para ver, então é

como se não estivesse ali. Se não olhar para a leve linha fina da mesa que a separa da parede, parece que as frutas estão voando, os ornamentos estão num tamanho desproporcional e parecem saltar da obra.

[...] com o aprimoramento das potencialidades perceptivas das crianças, podem-se enriquecer suas experiências de conhecimento artístico e estético. E isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, ouvir, sentir, tocar, enfim perceber as situações, à natureza e os objetos à sua volta. (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 87)

Dessa forma é interessante que os professores estimulem seus alunos a experimentarem e trazerem novos materiais (revistas, jornais, papel cartaz e entre outros), e objetos do seu cotidiano. A partir do estudo dos elementos, podemos fazer a integração da Arte com outras áreas do conhecimento, como exemplo, envolvendo as disciplinas de Ciências, Geografia, História..., e a partir de elementos da natureza (folhas, galhos, raízes, flores e frutos), trabalhamos texturas, cores, linhas, formas, ponto, sombra e luz, e ampliamos o conhecimento em Arte.

No próximo capítulo Caminhos a percorrer, trago uma breve explanação da formação de professores de Artes, as experiências em contrapartida com as falas das professoras no diálogo semiestruturado.

3 CAMINHOS A PERCORRER

Ao longo da graduação de licenciatura em Artes Visuais a ideia é que teoria e prática caminhem juntas e assim seja trabalhado a cultura, a teoria, a criação, a interpretação de obras, a compreensão, a expressão artística e entre outras. Na visão de Rejane G. Coutinho (2008, p.156) “[...] é preciso desenvolver no professor a sua faceta de pesquisador, aquele que sabe buscar, relacionar e elaborar os conhecimentos”. A intenção não é somente o ensinar, mas serem profissionais que instiguem novas estratégias de vivência, convivência e reflexão da arte, com um olhar diferente para a diversidade (raça, classe, gênero).

A formação dos professores de Artes deve ser contínua, a partir de seu conhecimento de vida que ele irá avançar de um processo pessoal, para desempenhar o seu papel de professor como um intermediário, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem em artes, com diferentes enfoques proporcionando ao aluno uma visão crítica e ao mesmo tempo criativa. Segundo Larossa (2002, p. 26) “[...] é experiência aquilo que “nos passa”, ou o que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”.

O professor que experimenta tem muito mais a aprender e ensinar, do que aquele professor que continua na mesmice por já ter o conteúdo pronto, e não desenvolvem novos métodos, novas práticas de ensino. Com tantas variedades e possibilidades de meios de pesquisa para conteúdos e metodologias, através do uso das tecnologias e de leituras bibliográficas é imprescindível que os professores tracem um caminho a percorrer por determinada série, mas que tragam também o que é de interesse dos alunos e instiguem os mesmos, contextualizando, para possibilitar questionamentos. Segundo a OCEM,

[...] não basta apresentar ao aluno ora uma obra clássica da arte ocidental, ora uma máscara de alguma tradição africana, ora um produto da cultura de massa. O aluno precisa compreender o contexto de cada uma dessas narrativas, sua história e suas motivações (funções) sociais. (BRASIL, 2006, p. 187)

Em virtude de diversos meios e recursos para uma aula mais significativa temos obras de arte, manifestações artísticas, bienais, exposições, teatros, filmes,

músicas, tecnologias e etc., auxiliando o professor e fazendo com que o mesmo não continue na monotonia.

O diálogo semiestruturado com as professoras do estado do Rio Grande do Sul se concretizou a partir de um encontro presencial com apenas uma delas na E.M.E.F Alcino Pedro Rodrigues e com a outra aconteceu via WhatsApp, com a professora do estado de Santa Catarina aconteceu também via WhatsApp. Direcionei o diálogo para o assunto arte moderna e vanguardas europeias, mas deixei fluir e ao longo fomos dialogando sobre as experiências delas em sala de aula relacionado a este tema, sobre artistas, produções, obras, relações com outras épocas, e por fim na visão delas, como era a participação dos alunos nas aulas de artes, eles questionavam, se sentiam motivados, conseguiam relacionar com o cotidiano, percebiam a diferença entre as épocas em específico as vanguardas com o agora. Por fim entreguei uma autorização para que as mesmas autorizassem o uso da sua fala em minha pesquisa. Apenas uma professora não quis ser identificada, então determinei que cada uma fosse uma letra, de A a C.

A partir do diálogo com a professora B, ela relata o seguinte:

[...]Tenho como objetivo na escola, levar os alunos a Bienal do Mercosul para ter o contato direto com a arte e conhecer um pouco desse universo contemporâneo.

A professora B teve a oportunidade de levar os alunos na Bienal do Mercosul dos anos anteriores e pretende continuar investindo nessa viagem, pois os alunos precisam desse contato com a arte, independente de se ter na sua cidade museus, exposições, galerias e entre outros. No site⁴ da Bienal do Mercosul podemos ver que o tema central do ano de 2018 foi (Triângulo Atlântico) e desdobramentos nas áreas da cultura, e pela primeira vez a Bienal ofereceu uma programação com oficinas, seminários, palestras, apresentações artísticas e mostra de filmes tudo gratuito. Essa relação entre teoria e prática é válida, porém sabemos que nem todas as escolas disponibilizam viagens de estudos devido a vários motivos como demanda de pesquisa, investimento, autorizações, tempo, interesse e entre outros.

⁴ <https://www.fundacaobienal.art.br/> visualizado em 14/09/18 as 15:17

O diálogo semiestruturado com a professora C, traz um relato da experiência em que os alunos vivenciam:

[...] eu foco bastante no movimento futurismo, falo do social, da construção de como isso existiu porque até então antes não tinha nem indústria então aí as linhas de produções, as vezes linko um filme pra poder mostrar, como tempos modernos, por exemplo Charles Chaplin essa questão da linha de produção do movimento, pra utilizar dessa maneira e também as vezes com o movimento, trabalhamos com a pintura e o desenho e também a possibilidade de fazer vídeos, e vídeo arte através dessa captura da fotografia e do filme que é de abertura, quando temos uma filmagem de esportes, precisa de uma captação mais rápida do movimento porque essa ideia do futurismo era poder registrar os desdobramentos, o movimento através do desenho não tinha outras possibilidades como a gente tem hoje, pra filmar, gravar, fotografar isso acontecia através do desenho, da pintura.

A professora C, proporciona aos seus alunos referências do futurismo com os dias atuais, contextualizando com vídeos mesmo que antigos, mas para que os alunos possam compreender o início do cinema, da fotografia, os avanços tecnológicos, as produções e as invenções que crescem a cada ano.

No diálogo semiestruturado com a professora A, ela relata:

[...] Lembrando mais ou menos do que eu apliquei com a turma de 5º ano, eu trabalhei com eles alguns conceitos, conversando com a turma sobre o que foi a arte moderna, seu início e um pouco do que se passou aqui no Brasil. Levei as principais características para facilitar o entendimento e levei alguns artistas para eles relacionarem com o que eles já conheciam, alguns artistas conhecidos, outros não tanto. Eu também levei para que eles memorizassem melhor o conteúdo, um vídeo falando um pouco do que foi a arte moderna, para facilitar o entendimento.

Por outro lado, a professora A, utiliza como referência artistas já conhecidos, relacionando com as vivências, o cotidiano dos alunos e com as características particular de cada movimento.

Do mesmo modo existe a possibilidade de a arte fazer conexões com outras áreas do conhecimento, um exemplo disso são os livros didático⁵, que vem sendo usado nas escolas, no ensino médio fazendo relações entre os conteúdos. Promovendo a interação da arte e a literatura, por exemplo, se trabalhadas juntas possuem uma gama de produções que podemos criar, como exemplo, um livro em que o cinema se apropria e faz um filme sobre a história do livro ou uma peça teatral, quando o aluno vê um filme ou escuta uma música lembrando algo que vivenciou em casa, na escola, com amigos ele também faz relações e reflexões entre si e com a vida.

A professora C relata a relação que faz com outra disciplina, que por surpresa a mesma que citei anteriormente.

[...]Trabalho sempre o que é clássico, trabalho bastante mesmo é a semana de 22, [...]os desdobramentos e cartas e reverberações da imprensa acabo trabalhando com o médio até com terceiros, porque a professora de língua portuguesa e literatura gosta muito, ela trabalha isso na literatura e ela gosta de fazer parceria comigo e eu também gosto de fazer com ela, eu penso que assim o tempo da aula de artes é pequeno, então as vezes a gente trabalha alguma coisa num ano mas é uma pincelada, então quando se trabalha com ensino médio a gente tem a oportunidade de aprofundar a teoria, de explicar o porquê, o que isso tem de tão vanguardista, de tão diferente.

Ela também relata a experiência que vivenciou com os alunos de uma determinada turma.

[...]Jeu solicitei que eles linkassem cinco conteúdos que eles achassem interessante e que um deles eles sugerissem proposições de aula prática, de produção mesmo, porque eles sempre comentam que gostam de aulas diferentes então eu quis ouvir também o que seria esse diferente da parte deles, foi muito interessante, tem alunos que não conseguiram desenvolver, tanto que ficam no trivial, eles falam de aula diferente mas ficam no básico, mas teve grupos que fizeram proposições muito

⁵ Exemplo livro didático: Arte em Interação, autores: Hugo B. Bozzano, Perla Frenda e Tatiane Cristina Gusmão.

interessantes e eu abracei a causa deles, estamos fazendo algumas produções baseadas nas escolhas dos alunos.

Desse modo fica perceptível ao aluno o interesse do professor com o mesmo, de estar disposto a ouvir, de interagir e trazer contextos que façam parte do que o aluno vivencia e de suas experiências cotidianas, ora, com isso estabelecer vínculos com os alunos e com os seus interesses tornando as aulas mais significativas.

Em suma a professora C, complementa com a experiência que obteve neste ano com os alunos:

[...] trabalhei com eles a unidade um do livro que tinha como um dos artistas Luiz Erbini, trabalhava arte cinética, a formação dele era mecânica de motores era bem ligada a física, fiz essa ponte explicando que a arte ela permeia vários campos, vários setores e que os conhecimentos de outras áreas como fez o artista, como o próprio livro dizia, pode ser usado sim em arte, porque ai estamos com os artista de multimídia, e ai procurei aprofundar o que estava no livro assim esses termos que são novos e pra que isso de fato acontecesse, pra verificar se de fato houve aprendizado [...]eles fizeram um memorial descritivo das obras, apresentaram para a turma e foi um trabalho em grupo que eles nos conduziram até pra outras salas pra fazer apresentação, está sendo uma experiência assim magnifica, eu estou radiante assim com a entrega e o potencial desses alunos.

É de fundamental importância que o aluno viva a produção de arte e na experiência ele coloque seus sentimentos, seus conhecimentos e partilhe com os colegas o que ele vive em casa ou na rua, partindo disso ele terá um novo olhar sobre as outras áreas do conhecimento como exemplo a química, onde acontece a mistura das tintas ou mesmo a matemática no momento em que ele fizer uma perspectiva.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BRASIL, 2017, p. 191)

Com tudo é possível florescer o desenvolvimento do aluno, para ele não ser totalmente fechado a determinado conteúdo e que ele possa esclarecer dúvidas, questionar e pensar o conhecimento num contexto mais amplo, além de conhecer novos autores e artistas, incentivar a leitura, auxiliando a desenvolver a expressão, a ser crítico e sábio ao conteúdo e a vida. Conforme Ferraz e Fusari (2009, p.94) “Quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e a habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar e do fazer, assim como suas representações”. Estudar as vanguardas europeias de forma pratica tornando o conteúdo mais significativo é a oportunidade para conscientizar os alunos a ter o entendimento do por que estudar arte? Arte é relações, assim como qualquer outra área do conhecimento utiliza-se leitura, imagens, objetos, cálculos e etc.

Inclusive a professora C, comenta que surgiram perguntas durante algumas aulas:

[...] a professora porque tal coisa vale tanto e tanto e esse rabisco lá, joga a tinta e vale tanto, outra obra não vale tanto, outro desenho bem bom não vale nada, como caso da fonte do Duchamp, fizemos a leitura, procurei dizer onde que começou, qual foi a importância disso e como foi construído. Está sendo um caminho bem interessante, por exemplo essas turmas de oitavo ano e de primeiro ano com certeza chegaram no ensino médio com um entendimento de arte mais profundo do que simplesmente só olhar as obras de um movimento e só reproduzir as imagens semelhante.

Questionamentos surgem à medida que instigamos os alunos a pensar sobre o que estão vendo ou ouvindo, sejam obras, imagens, vídeos ou até mesmo música. Desenvolver espaço de comunicação e interação entre professor e aluno, ou seja, conhecimento e curiosidades (interesse), abre um viés para o despertar do imaginário do aluno, de fantasiar e de alguma forma se sentir parte do assunto do qual estará trabalhando. Ora trazendo esse despertar para os acontecimentos que vivenciamos no hoje, da mudança, da evolução da arte a cada dia; fazer relações, comparações. De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 141) “é preciso que o

professor tenha sólidos conhecimentos de arte, saiba encaminhar suas ações pedagógicas e dê condições para realização desse processo”.

Exatamente assim que me instigo a pensar em novas maneiras de ensinar arte, de contextualizar, de usufruir da prática com novos métodos e da utilização de diferentes materiais, das tecnologias que mais do que nunca estão presentes no nosso dia a dia, nos servindo como grandes aliadas. Desde já ponho em prática nas oficinas de arte, na educação infantil, não só devido à ludicidade que demanda, mas do privilégio que a arte nos propõem a experimentar e reinventar, recriar e refletir. A criança está em constante questionamento, para elas tudo tem um porque, e a arte também tem um sentido e é através de toda ludicidade que podemos proporcionar de alguma forma introduzir o conhecimento da arte para as mesmas. Entretanto sabemos que isso se difere de cada professor e como ele pensa e age a partir do seu conhecimento.

Embora que ainda alguns professores utilizam o termo técnica, no qual a mesma não é mais utilizada, mas para alguns ainda o uso é bem frequente. Na conversa com a professora B, ela diz no início:

[...]Gosto da expressão artística que transformou radicalmente o campo das artes ao quebrar com formalismos e quando em aula os alunos conseguem romper com os formalismos é uma etapa com certeza vencida.

Porém, ela se contradiz ao dizer no final da conversa:

[...] além do livro usado na escola, trabalho paralelamente os artistas e as técnicas utilizadas por eles, fazendo um paralelo. Visitas virtuais a museus, saídas de campo para observação da natureza e desenhos são realizadas com frequência. Muita leitura de imagem e releitura dos artistas trabalhados.

A professora B, utiliza a palavra técnica talvez sem ao menos saber o que ela significa ou mesmo por ter tido sua formação na época em que era utilizado esse termo. Ao mesmo tempo percebemos que é uma professora que busca trazer o novo, mas que ainda utiliza métodos antigos, como releituras e técnicas.

O uso apenas de técnicas torna as aulas de arte muito sistemáticas e a criatividade do aluno acaba sendo tolhido, é necessário que o professor apresente

as metodologias do artista, mas também proponha ao aluno experimentar o material diferenciado e a prática em si, possibilitando uma troca de saberes a ser compartilhada pelos mesmos. Segundo (COUTINHO, 2008, p. 158) “a formação do professor se intensifica à medida que ele se defronta com as situações reais de ensino e aprendizagem. Faz parte intrínseca de sua profissionalidade a reflexão e a pesquisa contínua”.

O professor sendo um mediador do processo de aprendizagem que busca uma formação continuada (cursos, especializações, oficinas...) e aplica em sala de aula novas práticas de ensinar arte, todavia estará influenciando o aprendizado do aluno em artes, com isso aguçar a curiosidade dos mesmos, influenciando-o a buscar mais conhecimentos e mais interesse em aprender sobre artes. Essa busca de algo significativo dentro da proposta pedagógica auxilia na qualidade do ensino, e promove o desenvolvimento sensível, criativo, expressivo, prazeroso e cultural dos alunos.

O trabalho com a arte tem inúmeras possibilidades, mas o que importa é que possa ser qualitativamente bem-feito e desenvolvido com bastante competência. Para isso, o professor precisa saber arte, ou seja, pesquisar, conhecer e aperfeiçoar-se continuamente no campo artístico e estético. Precisa encontrar condições para aprimorar-se tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar de arte. E saber proporcionar aos alunos condições para aprimorarem-se criticamente dos conhecimentos e prosseguirem de forma sensível, intelectual e criadora. (FERRAZ, FUSARI, 2009, p. 27)

Enfim, motivar o conhecimento da arte é um processo permanente, o professor necessita se atualizar, pesquisar, buscar novos métodos, sendo a arte que a cada época evolui nos seus diferentes contextos.

4 PROJETO DE CURSO

Título: Expressionismo.

Ementa: Estudo sobre as Vanguardas Europeias. Aprofundamento a partir da observação e a repetição do movimento expressionismo no nosso cotidiano. Produções a partir do expressionismo.

Carga horária: 8h/a, em cada turma.

Público alvo: Alunos do Ensino Fundamental II, (dois 8º ano e dois 9º ano)

Justificativa: O projeto tem como foco o Expressionismo, um movimento da arte moderna que teve grande impacto por suas obras representarem as expressões e as angústias vividas pelos artistas. Na época das vanguardas europeias, onde, os artistas buscavam individualmente “chocar” a sociedade, com suas obras.

Diferentemente de hoje onde qualquer pessoa pode expressar a realidade, os sentimentos, emoções, a violência, o aborto...tudo se torna produções artísticas. Porém com exceções e ainda com ressalvas de críticas por falta de conhecimento de causa; vemos performances e movimentos sociais.

Na sala de aula podemos falar dos sentimentos e emoções de uma forma livre, por exemplo, através do estilo musical rap (traduz ritmo e poesia). Mesmo vivendo num mundo tecnológico, os adolescentes inclusive estão cada vez mais solitários devido ao uso constante de celulares, videogame entre outros e acabam se isolando, estão cheios de angustias, questionamentos e dúvidas sobre a vida, os costumes propostos pelos pais e a sociedade.

Pretendo com este projeto, levar os alunos a refletir e usar suas habilidades para se expressar e desenvolver a criatividade na elaboração dos trabalhos propostos.

Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos o conhecimento das vanguardas europeias, mais específico o Expressionismo, relacionando com o cotidiano e se expressando a partir das produções dos objetos pessoais, da música, da paródia e do lambe-lambe.

Objetivos específicos:

- Ampliar o repertório artístico dos alunos;
- Conhecer as Vanguardas Europeias e algumas obras dos movimentos;

- Aprofundar o conhecimento sobre o Rap, a partir do diálogo entre a turma;
- Produzir estampas, músicas, paródias e lambe-lambe.

Metodologia:

Primeiro encontro (2h/a): No primeiro encontro com as turmas, farei uma breve explicação de cada movimento das vanguardas europeias, logo me aprofundarei no movimento expressionismo, mostrarei obras como “O grito” do artista: Edward Munch e a obra: “Boba”, da artista Anita Malfati, também mostrarei músicas como: “Me sinto perdido”, Rap Sincronia e “O homem que não tinha nada”, Projota. Após isso faremos uma roda de conversa, onde irei questioná-los sobre que relações eles conseguem fazer com as obras citadas do expressionismo e as músicas com seu cotidiano.

Segundo encontro (2h/a):

Primeiro oitavo ano: confecção de estampas (com cópias P/B ou stencil, giz de cera ralado, protetor solar e ferro quente), em camisetas, bonés, tênis... entre outros, com o tema experiências e vivências da sociedade.

Segundo oitavo ano: a construção de uma música em grupos de 4 alunos, relatando suas vivências do cotidiano.

Primeiro nono ano: a construção de uma paródia, em grupos de 4 alunos, relatando suas experiências do cotidiano.

Segundo nono ano: fabricação de lambe-lambe, com o tema expressão e sentimentos.

Terceiro encontro (2h/a): Continuação das produções.

Quarto encontro (2h/a): Finalização das produções e organização do local onde iremos fazer a exposição dos objetos estampados, e o palco para as apresentações. O lambe-lambe será colado pela escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizei o diálogo semiestruturado com três professoras de Arte, dando início ao assunto sobre arte moderna, no contexto geral o foco foram às Vanguardas Europeias, entretanto deixei livre para elas irem falando o que achavam e como é a sua experiência na sala de aula, de que maneira trabalham métodos, artistas e produções, diante de tanta diversidade numa sala de aula, onde temos de trinta a quarenta alunos, e com muito conteúdo e pouco tempo. Por fim direcionei o diálogo para a visão delas: de que maneira os alunos participavam das aulas de Arte, se sentiam motivados, se questionavam, se conseguiam fazer relação do que estava sendo estudado com seu cotidiano, se percebiam a diferença entre as épocas em específico as vanguardas com o agora. Num curto período, onde até acomodar os alunos e fazê-los compreender e produzir quase acaba a aula.

Me realizei ao ouvir de cada uma, as diferentes maneiras de contextualizar, de fazer relações, de exemplificar e propor as práticas em cima do conteúdo, que mesmo com tanta dificuldade enfrentada no dia a dia, da desvalorização da disciplina e do professor, ainda assim temos mestres dedicados que me fazem refletir sobre a profissão. Desde que professor esteja disposto a mudanças e acredite no potencial dos alunos, pois podemos e devemos incentivar, oportunizar e descobrir novas habilidades e competências pra recriar, transformar e contribuir para a construção de uma sociedade mais crítica e mais humana. Penso que a formação continuada acontece no tempo de cada professor, do momento em que ele vive ou se deixa viver.

Trazer à tona as vanguardas europeias, os acontecimentos da época, obras com pessoas nuas, conflitos pessoais, o cotidiano das pessoas, as guerras, a miséria, a política e a velocidade com que as coisas evoluíam tudo isso ainda acontece só que de uma forma mais explícita, como exemplo, as performances, na mesma ideia do movimento Dadaísta de 'chocar' os espectadores. Por isso a minha preocupação em estudar as vanguardas europeias, porque vem de encontro com atualidade, diante dos movimentos da sociedade e dos avanços tecnológicos, da globalização, das diversidades, da livre expressão e poder relacionar com outras áreas do conhecimento. Trago as vanguardas como um exemplo de como podemos aperfeiçoar as práticas do Ensino da Arte. Deste modo com a interação de duas ou mais disciplinas, fica perceptível como questioná-los ainda mais a reflitem e

analisarem os modos de ver e pensar arte. Vejo a arte como um meio de tornarmos sujeitos com mais compreensão, mais críticos, com o entendimento de que arte não é apenas desenho e pintura e com isso trazer mudanças na sociedade. Com esta pesquisa consegui concluir meus objetivos e também algumas questões, através dos diálogos semiestruturado com as professoras.

REFERÊNCIAS

BIENAL, Fundação. **Bienal do Mercosul 2018**. Disponível em: <<https://www.fundacaobienal.art.br/>>. Acesso em: 14 set. 2018.

BOZZANO, Hugo B.; FREINDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina. **Arte em Interação**. São Paulo: Ibep, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. – Brasília, 2006.

COUTINHO, Rejane G. A formação de professores de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 153-159.

CHIPP, Herschel B.; TAYLOR, Joshua C. **Teorias da arte moderna**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

DE MICHELI, Mario. **As vanguardas artísticas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos: Guia enciclopédico da arte moderna**. 2. Ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 17. Ed. São Paulo: Ática, 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 59-70.

JANSON, H. W. **História geral da arte**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.

LARROSA Bondía, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber experiência**. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan - abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

LYNTON, Norbert. Expressionismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna: com 123 ilustrações**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 24-37.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

RUHRBERG, Karl; WALTER, Ingo F. et al. () (Org.). **Arte do século XX.** Köln: Taschen, 2012.

STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna:** com 123 ilustrações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WHITFIELD, Sarah. Fauvismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna:** com 123 ilustrações. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 11-23.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Autorização do uso de imagem, fala e escrita.

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Cláudia Wrobel
 Dalpiaz do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof^a. Katiúscia
 Angélica Micaela de Oliveira para que o mesmo os disponibilize como dados da
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
